



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/07/2022 a 28/07/2022

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>22/07/2022</b>	14,34	431,50	60,32	7,59	5,64
<b>25/07/2022</b>	14,73	447,50	60,01	7,70	5,80
<b>26/07/2022</b>	15,32	472,40	60,42	8,03	5,97
<b>27/07/2022</b>	15,78	488,90	61,18	7,90	6,00
<b>28/07/2022</b>	16,09	489,70	65,84	8,17	6,15
<b>Média</b>	<b>15,25</b>	<b>466,00</b>	<b>61,55</b>	<b>7,88</b>	<b>5,91</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	178,00	
RS – Não Me Toque	178,00	
RS – Londrina	170,00	
PR – Cascavel	170,00	
MT – C.N.Parecis	160,00	
MS – Maracaju	172,00	
GO - Rio Verde	162,00	
BA – L.E.Magalhães	168,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	84,00	CIF
Porto de Paranaguá	86,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	82,00	
PR – Cascavel	72,00	
PR – Londrina	72,00	
MT – C.N.Parecis	61,00	
MS – Maracaju	66,00	
SP – Itapetininga	78,00	
SP – Campinas	80,00	CIF
GO – Rio Verde	67,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	108,00	
RS – Não Me Toque	108,00	
PR – Londrina	112,00	
PR – Cascavel	112,00	

Período: 27/07/2022

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 28/07/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,48	173,64	109,74

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
28/07/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	75,79
Feijão (saco 60 Kg)	219,92
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,13
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,60**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,96

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Junho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após baixas seguidas nas semanas anteriores, reagiram nesta semana. Além do tradicional ajuste técnico, dois outros importantes fatores pesaram para o comportamento do mercado: nova redução na qualidade das lavouras estadunidenses, frente a um clima mais seco e quente nas regiões produtoras locais; e novo ataque russo ao porto de Odessa, na Ucrânia, colocando em xeque os acordos realizados na sexta-feira anterior, os quais indicavam a possibilidade dos ucranianos escoarem sua produção de grãos.

Com isso, o primeiro mês cotado fecha a quinta-feira (28) em US\$ 16,09/bushel, contra US\$ 14,18 uma semana antes, ganhando quase dois dólares em uma semana. Destaque para o farelo, que atingiu a US\$ 489,70/tonelada curta no dia 28, assim como o óleo que se recuperou, chegando a fechar em 65,84 centavos de dólar por libra-peso no mesmo dia.

Na prática, a disparada da cotação do farelo também ajudou a sustentar o grão. A forte crise socioeconômica na Argentina, maior fornecedor mundial do produto, tem causado tensões no mercado deste subproduto. Os produtores argentinos, inclusive, estariam segurando a soja recentemente colhida, fato que gera menor esmagamento e, portanto, produção de farelo. Circularam notícias, igualmente, de redução no esmagamento na Europa e problemas de logística nos EUA.

Além disso, o mercado esteve atento aos resultados da reunião do Federal Reserve, encerrada no dia 27/07, na qual ele voltou a aumentar o juro básico dos EUA. Esse ponto, contrastando com o movimento imediato de Chicago, tende, mais adiante, a levar os investidores a trocarem contratos de commodities por títulos públicos do governo local.

Em relação a qualidade das lavouras estadunidenses, até o dia 24/07, o índice de boas a excelentes havia recuado para 59%, contra 61% uma semana antes. No ano passado este índice estava em 58%. Outras 30% das lavouras estavam regulares e 11% entre ruins a muito ruins. Na mesma data, 64% das lavouras estavam em fase de florescimento, o que exige um clima adequado, pois a safra está em seu período crítico de formação.

Já os embarques de soja, por parte dos EUA, na semana encerrada em 21/07, atingiram a 388.212 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o país norte-americano já embarcou 53 milhões de toneladas neste ano comercial, contra 59 milhões no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, com o Real se revalorizando um pouco, ao atingir R\$ 5,25 por dólar em alguns momentos da semana, os preços praticamente se estabilizaram, com alguma recuperação em determinadas regiões. A média gaúcha, no balcão, ficou em R\$ 173,64/saco, enquanto nas principais praças do Estado o mercado trabalhou com R\$ 178,00/saco. Já no restante do país, os preços da oleaginosa giraram entre R\$ 160,00 e R\$ 172,00/saco.

Em paralelo, as projeções para as exportações brasileiras de soja, no ano de 2023, foram aumentadas para 91,5 milhões de toneladas, contra 77,2 milhões estimadas no

corrente ano. Esse salto será possível desde que a produção nacional efetivamente seja cheia na próxima safra. Em sendo assim, o esmagamento de soja atingirá 49,5 milhões de toneladas em 2023, após os possíveis 47,9 milhões em 2022. A oferta total de soja, somando importações, produção e estoques iniciais, chegaria a 154,5 milhões de toneladas em 2023, diante de uma demanda total, interna e externa, de 144,6 milhões. Isso significa que os estoques finais de soja, no próximo ano, poderão atingir a 9,92 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 239% sobre 2022. Em termos dos subprodutos, a produção de farelo de soja seria de 38 milhões de toneladas, subindo 3% sobre a deste ano. As exportações somariam 18,7 milhões de toneladas, enquanto o consumo interno somaria 19,2 milhões. Com isso, os estoques finais de farelo de soja no país, no encerramento de 2023, subiriam 7%, atingindo a 2,4 milhões de toneladas. Enfim, a produção de óleo de soja aumentaria 3%, chegando a 10,5 milhões de toneladas. Nossas exportações estão previstas para 1,9 milhão, com recuo de 10% sobre 2022, enquanto o consumo interno subiria 3%, atingindo a 8,15 milhões de toneladas. Isso, em função do aumento de 10% na destinação ao uso no biodiesel, elevando este volume para 4,5 milhões de toneladas. Mesmo assim, os estoques finais de óleo de soja, em 2023, subiriam 6%, atingindo a 333.000 toneladas. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente registraram uma recuperação durante a semana. O fechamento da quinta-feira (28) ficou em US\$ 6,15/bushel, contra US\$ 5,75 uma semana antes.

Também aqui o clima nos EUA gera atenção total do mercado, já que existem regiões com falta de chuvas, provocando queda na qualidade das lavouras. Neste sentido, as lavouras entre boas a excelentes, no dia 24/07, recuaram para 61%, contra 64% uma semana antes. Outros 25% estavam regulares e 14% atingiam o estágio de ruins a muito ruins. O percentual de lavouras em fase de embonecamento, nos EUA, atingia a 62% no dia 24/07.

Enquanto isso, os embarques de milho, por parte dos EUA, somaram 724.214 toneladas na semana encerrada em 21/07, com o volume ficando dentro das expectativas do mercado. O total embarcado em todo o atual ano comercial chega, agora, a 51,03 milhões de toneladas, ficando 17% abaixo do embarcado no mesmo período do ano passado.

Já na Argentina, o Ministério da Agricultura local informou que a colheita de milho local chegou a 88% da área nesta semana. Enquanto isso, e continuando com a defasagem entre as duas instituições, a Bolsa de Cereais de Buenos Aires informa que a colheita no vizinho país atingiu a 74% da área, insistindo que o país não colherá mais do que 49 milhões de toneladas do cereal.

E no Brasil, os preços do milho se mantiveram estáveis, com a média gaúcha, no balcão, fechando a semana em R\$ 81,48/saco. Nas demais praças nacionais os preços do cereal oscilaram entre R\$ 61,00 e R\$ 82,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 27/07, para referência, trouxe o contrato de setembro a R\$ 86,51/saco, novembro a R\$ 88,83, janeiro a R\$ 91,27, e março/23 a R\$ 92,51/saco.

Dito isso, as exportações brasileiras de milho, em julho, estão revisadas para 6,09 milhões de toneladas, segundo a Anec. Até meados desta semana o país havia exportado 2,87 milhões de toneladas de milho. Assim, nos primeiros 16 dias úteis de julho o volume exportado chega a 44,2% do total exportado em julho de 2021. (cf. Secex) Vale destacar que somente em julho o país exportará praticamente o total de milho que exportou em todo o primeiro semestre do corrente ano, que foi de 6,36 milhões de toneladas. Esse crescimento no volume exportado, daqui em diante, se viabiliza graças a safrinha nacional. Tanto é verdade que a Anec projeta um volume total, a ser exportado neste ano, em 43 milhões de toneladas. O valor médio da tonelada exportada em julho está em US\$ 291,40.

Enquanto isso, o Brasil importou, no mesmo período de julho, um total de 215.466 toneladas de milho. Este volume já é 49,3% superior ao total importado com o cereal em julho de 2021. O valor médio da tonelada importada ficou em US\$ 219,80.

Quanto a colheita de milho safrinha no Brasil, a mesma atingiu a 94% no Mato Grosso, no início da presente semana. No ano passado, na mesma época, 72,8% haviam sido colhidos, e a média histórica para a data é de 81,8%. (cf. Imea)

Por outro lado, em termos do conjunto do país, a segunda safra teria sido colhida em 63,4% da área total, contra 57% na média histórica. (cf. Pátria AgroNegócios)

No Paraná, segundo o Deral, 45% das lavouras já estavam colhidas em meados da corrente semana, sendo que 70% das lavouras a serem colhidas apresentavam boas condições, 23% médias condições e 7% estavam ruins.

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Famasul, 17,2% das lavouras estavam colhidas até o dia 22/07, ficando abaixo das 27,7% colhidas na média histórica. Cerca de 80% das lavouras a colher se apresentam em bom estado. O preço médio do saco de milho recuou, no período, para R\$ 66,34, lembrando que um ano atrás o mesmo valia R\$ 87,58. Portanto, em 12 meses, o preço médio do milho do Mato Grosso do Sul caiu 24,2%. Isso explica a hesitação dos produtores locais em venderem sua atual safra, tendo tal movimento atingido apenas 26% do total estimado, contra 42% no mesmo período do ano passado.

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo, em Chicago, subiram um pouco durante a semana, porém, apresentando grandes oscilações. O mercado chegou a bater em US\$ 7,59/bushel no dia 22/07, subindo para US\$ 8,03 no dia 26, e fechando a quinta-feira (28) em US\$ 8,17, contra US\$ 8,06/bushel uma semana antes.

A situação na Ucrânia, com a possibilidade de escoamento de seus grãos após o acordo com a Rússia, justamente da sexta-feira 22/07, acabou pesando sobre o mercado, pois os russos, ao bombardearem o porto de Odessa, um dia após o acordo, deram a entender que o mesmo não seria cumprido.

Em paralelo, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, atingia 77% da área, até o dia 24/07, contra 80% na média histórica. Por outro lado, as condições das lavouras do trigo de primavera, na mesma data, indicavam 68% entre boas a excelentes, 24% regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Ao mesmo tempo, na semana encerrada em 21/07, os EUA embarcaram um total de 475.426 toneladas de trigo, ficando o volume dentro das projeções do mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial 2022/23, iniciado em 1º de junho, atinge a 2,6 milhões de toneladas, ou seja, 24% menos do que o registrado em igual período do ano passado.

E no mercado brasileiro os preços do cereal continuaram recuando. A possibilidade de compras externas mais baratas, pela forte queda em Chicago, e a nova valorização do Real, deixam o mercado menos pressionado. Além disso, a projeção de uma safra nacional histórica, acima de 10 milhões de toneladas neste ano, coloca o mercado em outro patamar. De fato, se tal safra se confirmar, a tendência dos preços do trigo é de forte recuo a partir de setembro, como já vínhamos alertando, podendo o movimento ainda aumentar no final do ano. Neste momento, o clima definirá o real volume que o país terá. No geral, de forma mais realista, seria importante contar, por enquanto, com uma safra entre 8 e 9 milhões de toneladas. Especialmente porque, no Rio Grande do Sul, as lavouras já enfrentam dificuldades climáticas, com um forte calor seco que dura quase todo o mês de julho.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que os negócios internos com trigo são apenas pontuais, com o mercado esperando a entrada da nova safra em setembro.

Dito isso, no mais longo prazo, o país espera, efetivamente, se tornar autossuficiente em trigo. A meta é chegar a este estágio nos próximos 10 anos, apoiada pelas pesquisas desenvolvidas pela Embrapa. Neste caso, além do trigo transgênico, em testes no Cerrado brasileiro, espera-se poder realizar duas safras de trigo no inverno gaúcho, além da expansão do bioma Cerrado. Lembrando que a demanda brasileira de trigo, anualmente, fica entre 12 e 13 milhões de toneladas na atualidade.

Enfim, vale destacar que, se o acordo entre Rússia e Ucrânia vingar, o mesmo permitirá escoar os grãos ucranianos pelo Mar Negro, mesmo a guerra continuando. Isso deverá provocar um quadro ainda maior de recuo nos preços internacionais do trigo e do milho. A Ucrânia teria 20 milhões de toneladas de grãos estocados, além do que vem sendo colhido no momento, embora as dificuldades da guerra. Assim, se o corredor de exportações pelo Mar Negro for realmente seguro para dar vazão às cargas estocadas, a tendência é que as cotações do trigo caiam ainda mais. Uma notícia que deve servir de alerta aos produtores de trigo do Brasil e da Argentina, pois isso tende a coincidir com a entrada da nova safra local, que, no Brasil, promete ser recorde. Não haverá preço que resista a uma tal realidade, diante de uma demanda brasileira com dificuldades de renda. O recuo dos preços do trigo no país, iniciado neste mês de julho, parece ser o início de um movimento irreversível, dentro do atual contexto externo e interno. (cf. Globo Rural)

O alerta está dado, sem ignorar que existe a clara possibilidade de ainda o Brasil aumentar suas exportações de trigo em 2022/23. Mas, obviamente, é preciso esperar para ver se realmente o acordo entre russos e ucranianos irá vingar na prática, além de

aguardarmos o comportamento climático no Brasil para se verificar o real tamanho da safra tritícola que teremos. Sem falar ainda na questão da qualidade do grão que será colhido, fator preponderante no mercado do trigo.